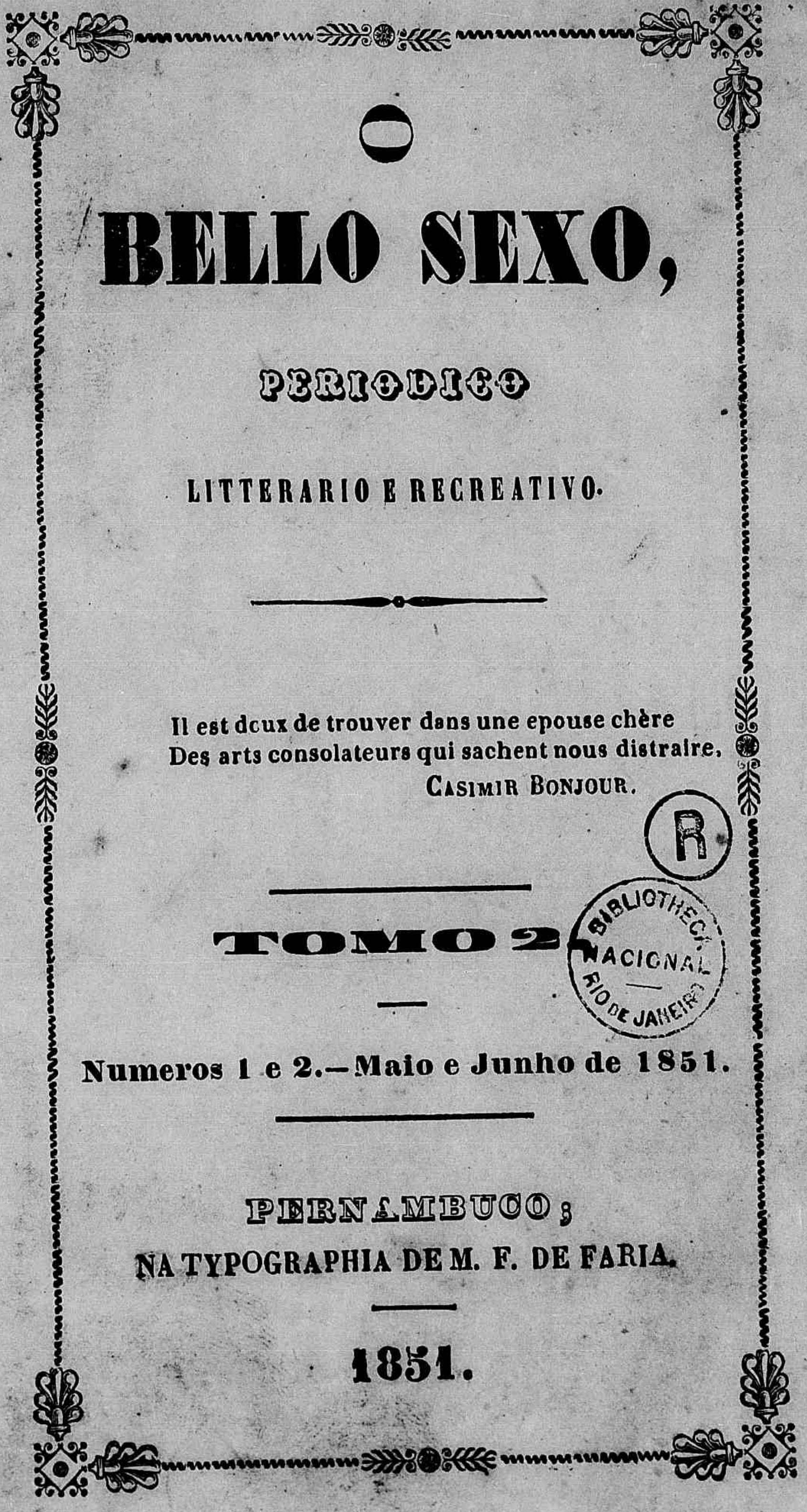




BELLO SEXO,

PERIÓDICO

LITTERARIO E RECREATIVO.

Il est dcux de trouver dans une epouse chère
Des arts consolateurs qui sachent nous distraire.
CASIMIR BONJOUR.

TOMO 2

Numeros 1 e 2.—Maio e Junho de 1851.

PERNAMBUCO;
NA TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA.

1851.





BELLO SEXO,

PERIODICO

LITTERARIO E RECREATIVO.



Il est doux de trouver dans une epouse chère
Des arts consolateurs qui sachent nous distraire.

Casimir Bonjour.

TOMO 2.

PERNAMBUCO ;
NA TYPOGRAPHIA DE M. F. DE FARIA.

1851.

João Climaco Lobato .
Redactor.

INTRODUÇÃO.

O jornalismo he hoje o grande livro do povo, como outr'ora as cathedraes erão as grandes paginas do sabio,

(IRIS.)

Ei-lo ahi-encetando o seu segundo anno de publicação, occupar de novo vem o *Bello Sexo* a posição, que lhe foi assignada no vasto portico do jornalismo.

Pobre, tal qual ha sido no seo caminhar, coube-lhe apenas -- qual se vê hum discipulo de Antisthenes materialmente representado n'hum produção artistica de subido engenho bem conhecido -- assentar-se em hum dos degrãos da escada do magestoso edificio da litteratura brasileira.

E assim, sem trajar o brocado custoso de variada instrucção, nem ataviar-se com as galas de fecunda imaginação -- n'esse desalinho infantil proprio das primicias litterarias -- completou o *Bello Sexo* o primeiro periodo de vida, senão victoriado, que para tal lhe falleceram as condições essenciaes, ao menos beneficamente bafejado pelas auras da extrema benevolencia dos distinctos cavalleiros que se achão á testa quer de corporações litterarias, quer de publicações periodicas; os quaes do alto de seos assentos de gloria, não se dedignarão de enviar-nos, a nós pobres pygméos, expressões immerecidas de pronunciada animação.

E que nos importa a nós, quando á semelhança da estrella mystica que orientara os Magos, a illustração scientifica, o merito litterario, a quem cinge a luminosa aureola dos Tassos e Castilhos, dos Alexandres Herculanos e Girardins, se apraz alhanar-se, descer até nossa humildade, implantando-nos brios, fortificando-nos os passos mal seguros, des-tendendo-nos, bondosa, a mão protectora, para que mediante justos esforços possamos hum dia attingir hum lugar menos rasteiro e mais condigno ao improbo lidar da intelligencia -- que nos importa a nós, diziamos, quando nos escuda a instrucção, o vozear descompassado d'essa raça provinda do ajuntamento da ignorancia com a inveja, d'esse hybrida denominado zoilo, cujos dentes já destruidos pela força do veneno da maledicencia, de sorte alguma nos podem damnificar?

A verdadeira sabedoria he affavel e indulgente, suas palavras são de benevola animação; corrige mas não morde, que não precisa do depreciamento alheio, para n'elle assen-

tar as bases de sua exaltação — que não he como certas aves que só sahem de seos escondrijos, quando as sombras da noite cobrem a face luminosa do monarcha do dia.

Mas, si ao zoilo cabe a applicação do principio immutavel de suprema justiça, exarado nas paginas santas; aos homens de lettras, aos cavalheiros da imprensa contemporanea, á essa viçosa mocidade que radiante de vida tanto promette ao Brasil, cumpre-nos fazer sentir d'hum modo explicito, que inaugurando nós hum monumento patriotico em cuja fachada foi collocada a inscripção -- *Honra a Deos, gloria á patria, amor ás Damas!* — jamais tivemos pretensão á hum acabado magistral; á que os simpleses d'essa obra fossem bem talhados, as pedras bem lavradas e convenientemente ajustadas entre si. He verdade, que n'essa edificação sempre houve por fanal a convicção e a consciencia, todavia não excluiremos o erro na sua direcção; podemos ter errado; mas consola-nos o senso intimo com a certeza de que esses erros os gerara o entendimento, e não a vontade.

Ei-lo, portanto, o *Bello Sexo*, com as feições primitivas, com o mesmo compromisso.

Votado á instrucção e ao recreio d'essa doce e graciosa porção do genero humano, que *menina ou môça, na idade madura ou na decrepitude, he sempre o anjo da dedicação cuja vida cifra-se inteira em fazer venturosa outra creatura* — n'es-se propugnar por hum sexo sempre opprimido, o *Bello Sexo* cheio d'hum legitimo orgulho por a sua *unidade* em todo o imperio, empenhará todas as forças moralmente possiveis á fim de que as producções exaradas em suas columnas não desvirtuem na pratica a verdade theorica contida n'este pensamento d'hum summidade contemporanea: -- A imprensa politica he hoje huma rainha, a imprensa litteraria huma fada, a imprensa scientifica huma Minerva; mas a imprensa do genero da nossa não he menos do que bôa ama e aia de hum grande creança moral, que he o povo; abaixa-se para o tomar nos braços; escolhe, do que sabe, o que elle lhe pode entender; mistura-lhe a doutrina com os brinquêdos; resguarda-lhe o que he perigoso; nos passos difficeis da-lhe a mão; estuda de dia e de noite as suas necessidades para as satisfazer, as suas bôas inclinações para as ajudar, os seos vicios para os cohibir; he sempre mãe, he toda e sempre do seo alumno com quem se identificou, e para si não quer melhor paga do que poder dizer hum dia « Eis-aqui este povo já varão; ei lo aqui: fomos nós (Deos e eu) quem principalmente o fizemos! »

Witruvio.

A INJUSTIÇA DOS HOMENS.

(NO ALBUM DE UMA SENHORA.)

O homem distingue-se de todo o mais creado não pelo corpo, por que em ultimo rezultado é elle materia em dissolução, sim pela razão — esta nobre parte de seu ser, que o faz buscar a perfeição sempre relativa d'este mundo de misérias, como aspirar uma gloria na Eternidade. E' na razão que se acha escripto em letras divinas o principio de socialidade; e é pela razão que se tem as ideias do Justo, do Bem, e do Bello -- ideias, que fundamentão toda a sciencia e arte, alimentadas cada dia no seio da humanidade. O homem, se he membro da sociedade, n'ella floresce, e por ella é amparado; se tem a Philosophia, que o ensina a supportar na vida, e a Religião, que o ensina a esperar na vida d'além tumulo, é só e só porque tem o reflexo de Deus -- a razão.

Se assim é, se a mulher só differe do homem pela fraqueza de seu corpo, que em ultimo rezultado é tambem materia em dissolução, e se a ella competem tambem essas nobres aspirações do espirito, como negar-se-lhe a perfeição d'este mundo, como negar-se-lhe um lugar mais importante na sociedade, que tambem é filha de sua propria natureza?!. E' que a mulher, sendo o anjo da terra, foi, e ainda infelizmente vai sendo a escrava do homem pelos seus monopolios.

Fechem-se as Universidades, Academias, escholas secundarias a mulher, porque ella é sempre fraca: mas nós de pura consciencia diremos-- é po que ella alli póde receber o desenvolvimento de suas faculdades; e assim conhecer a extensão de seus direitos, quebrar os ferros da escravidão, viver com independencia e liberdade florescendo em sciencias, artes, e na Politica de sua Patria.

Judith não era mulher, e não foi ella que livrou o povo de Deus de Holofernes? Zenobia não era mulher, e não foi ella que rebatêo no Egypto a força dos Romanos? Estael não era mulher, e não foi ella que tanto fez pensar ao grande Napoleão? D. Rita Joanna de Sousa (de Olinda) não era mulher, e não foi ella importante pelas suas obras, filhas dos seus conhecimentos philosophicos e historicos? D. Beatriz (de Minas) não era mulher, e não foi ella tam grande em suas composições de muzica, e versos portuguezes, latinos e italianos? As Gregas de velhos tempos, as Romanas da meia

idade não destinguirão-se tanto, umas pelo seu heroismo na guerra, outras pelos vastos conhecimentos, de sciencias, de artes e de linguas? Afinal de tudo, Maria não era mulher, e não foi ella que nos dêo o Redemptor do mundo? Mas, dizem os homens, essas mulheres formão a excepção da regra geral. Nós diremos ; sim formão excepção, porque desde a infancia vivem escravas, recebendo em illusão amargas lizonjas, e entregues somente aos mesquinhos trabalhos domesticos sem o menor amparo da sociedade.

Admittamos nos estudos as nossas filhas, e haverá bem breve mais essa fonte de puro allivio para a humanidade, porque assim a mulher será mais digna companheira do homem, como mestra da sabedoria, ensinando a esperar e sofrer na vida.

Nos Estados-Unidos, onde as mulheres já vão recebendo outra educação, houve uma reunião de Senhoras mais importantes com o fim de exigir do Governo maior protecção de seus direitos, e participação nos negocios sociaes. Vozes de trovão partirão da tribuna, e pensamentos de justiça vão cada dia sahindo da imprensa -- estas vozes, e estes pensamentos um dia serão universaes.

Esperemos que não tardará a civilização -- este sol dissipador das trevas. *O predomínio* cairá sem forças, e a liberdade do bello sexo lançará sobre a vida os seus verdadeiros raios de virtude e belleza.

Mulher ! esperai que o futuro vos trará a regeneração.

L. B.



NECESSIDADE DA EDUCAÇÃO INTELLECTUAL DA MULHER.

(Ao meu Primo e Amigo Theotônio da Silva Vieira.)

Il est constant que la mauvaise éducation des femmes fait plus de mal que celle des hommes, puis que les désordres des hommes viennent souvent et de la mauvaise éducation qu'ils ont reçue de leurs mères, et des passions que d'autres femmes leur ont inspirées dans un âge plus avancé.

(*Fenelon*)

No quadro das necessidades moraes que circumdão a vida do homem, he sem duvida alguma a illuminação do seu espirito aquella que reclama huma satisfação mais prompta — huma satisfação que á conveniencia do tempo reúna todo o desvelo possível na pratica — porque he a instrucção que realisando essa ficção mythologica do fogo de Promethêo, vivifica e robustece a intelligencia humana, lhe communicando hum fogo inconsumptivel.

D'esta generalidade, por tanto, claramente se vê a necessidade da educação intellectual da mulher; com tudo nada ha que entre nos seja tratado com tamanho deleixo; sim, nada ha que tenha conquistado tanta indifferença como essa educação, em referencia ás nossas amaveis patricias.

Quando vemos que ao homem não falta a conveniente applicação á todos os ramos, em que se desenvolve a intelligencia humana; quando vemos que logo desd'a mais verde idade os arrebões da instrucção desfazendo as trevas da ignorancia, lhe vão formando, polindo e esclarecendo a razão; não sem sincero pezar observamos, que á mulher não he dada a reciprocidade na fruição das condições apresentadas ao homem para o seu aperfeiçoamento intellectual.

N'esta deficiencia deploravel, vê a mulher ante si manar a lymphe crystallina do saber, sente-lhe o contacto, aspira-lhe mesmo o vago perfume; mas nunca lhe he permittido, como o Tantaló da Fabula, d'ella haurir huma gotta sequer! De sorte que salta aos olhos o pensamento geral contrario á

educação intellectual da mulher ; e sem embargo, bem manifesta he a parcialidade d'esta opinião — filha da razão obcecada de philosophos antigos, o orgulho do homem, sempre o mesmo em todos os tempos e lugares, a tem alimentado e desenvolvido na successão dos seculos.

Mas para conhecer-se de plano o quanto he absoluta a necessidade da educação intellectual da mulher, basta só reflectir-se no papel que ella representa na scena da vida social.

Com referencia e inteira connexão com a questão estabelecida, podemos em geral considerar a mulher debaixo de dous pontos de vista capitaes -- ou no estado de filha, ou no de mãe -- estados que são em verdade os extremos fronteiros da vida feminil.

Como filha, lhe incumbem inquestionavelmente para com aquelles, de quem houve o ser, deveres de rigorosa observancia, nascidos de tal condição : deve-lhes amor, estima e obediencia pela triplice qualidade de autores de seos dias, tutores de sua vida e directores de sua educação ; deve-lhes assistencia nas doenças, amparo no inverno da vida e soccorro nas necessidades. São deveres estes cuja satisfação deve emanar de hum agente livre e conscio de suas acções, para que tenha valor moral ; queremos dizer, que devem elles ser observados não por hum temor meramente servil, mas pela satisfação annexa ao cumprimento dos nossos deveres.

E no estado de ignorancia, sem a devida cultura do seo espirito, perguntamos nós, poderá a mulher assim fazê-lo ? Sem conhecer em toda a sua lucidez, que estes deveres a natureza os cria, a moral os adopta, e a religião fulmina á sua inobservancia, poderá ella cumpri-los por amor de si mesma, e não por que tema reprehensões de seos pais e receie censuras do mundo ? Não nos corre por certo grande trabalho em apresentarmos huma solução victoriosa á esta duvida -- achamo-la d'huma evidencia tão pronunciada, he de tamanha intuição, que não hesitamos em inscrever a nossa negação no frontal da questão eregida no curso dos argumentos até aqui produzidos.

E todavia não desconhecemos que os deveres filiaes nolos dicta a mesma razão natural sem o concurso da instrucção ; mas ninguem tambem deixará de convir em que esse conhecimento nos seja proporcionado d'hum modo tão imperfeito, d'hum modo tão synthetico, que sem o desenvolvimento das faculdades intellectuaes só tambem imperfeitamente he que elles podem ser observados.

Como mãe, não lhe correm obrigações menos imperiosas, para as quaes não basta somente o juizo prudencial : este estado requer hum antecedente susceptivel de produzir

o seo bom desempenho, que evidentemente está longe de ser conseguido sem essa condição.

Nas phases da vida da mulher he por certo o ser mãe o bello ideal -- esta qualidade em que no genero humano está encarnado o principio eterno de reproducção, he tambem o seo maior e mais legitimo orgulho. A mulher que em virgem abrija o coração á diversas aspirações, quando mãe concentra-as todas com admiravel abnegação n'hum ponto unico: o amor do filho he o seo pensamento exclusivo « Humma mãe, disse o nosso distincto romancista, he o segundo anjo da guarda de seo filho.»

Não seremos nós que deixemos de prestar o nosso humilde assenso á esta proposição, sublime tanto na sua disposição material, como na idea grandiosa que n'ella está contida; mas tambem não omittiremos, que a mãe ha mister de certas condições indispensaveis que habilitem-na a exercer a sua angelica missão em toda a plenitude; por que na falta d'estas condições, ella não poderá jamais comprehendê-la, nem procurar dar-lhe desempenho sem desvirtua-la.

Destinada a mulher a nutrir o filho com o seo proprio leite, e a derramar mais logo em su'alma os principios d'humma solida educação, d'este contacto e trabalho lhe resulta hum ascendente sobre elle de sorte, que lhe facilita moldar pela sua a alma do tenro fructo de seo amor, lhe imprimindo a feição dos seos sentimentos e paixões.

« Sabes tu, disse-lo Fleury, isto que se chama o amor de mãe? Tens-te lembrado que sua voz he o primeiro som, que fere nossos ouvidos; seo aspecto a primeira luz, de que gosão nossos olhos; suas cantigas nossos primeiros concertos; suas caricias nossos primeiros prazeres? Tens pesado esta influencia de todos os dias, de todos os momentos, e as impressões indeleveis que d'ahi sahem? »

E com effeito, si á esta legitima e verdadeira influencia addicionasse a mulher hum espirito adonado das flores da instrucção, de modo que logo na primeira idade do filho se achasse em estado d'ella mesma proporcionar-lhe lições á cerca de tudo que he nobre e sublime, plantando-lhe o amor ao estudo, e posterior á essa inspiração, desenvolvendo-lhe os germens; d'ahi não proverião necessariamente tantos e tão felizes resultados?

E sementes taes, plantadas pelas mãos do amor, e tratadas pela solitudine da ternura maternal, com amanho tão conveniente, deixarião de germinar, crescer e fructificar de hum modo prodigioso?

A resposta a estas observações, temo-la nós bem eloquente em Cornelia, mãe dos Gracchos, cujo esforço por dar-lhes excellente educação muito concorrêo a desenvolver a

eloquencia tão preconizada d'esses dous famosos Tribunos da antiga Roma: temo-la nós em a filha de Aristippo, a celebre Olvette, que foi a fonte onde seo filho bebêo o conhecimento das sciencias; o qual por esta razão teve hum cognome que exprimia — *o discipulo de sua mãe* — : temo-la nós em fim, para deixarmos longa enumeração, n'essa sublime Hestrina, que criou hum Solon!

E pois, d'esta simples analyse colhe-se com toda a clareza possivel a necessidade urgente e indeclinavel da instrucção da mulher, para que possa, na educação do filho, dirigi-lo passo a passo, formar-lhe o coração, e illustrar-lhe a intelligencia, sem que n'essa sua missão tuitiva confunda jamais o erro com a verdade, o vicio com a virtude; a superstição com a verdadeira religião.

(Continuar-se-ha.)

Witruvio.

UM PASSEIO PELO CAPIBARIBE A MADRUGADA.

Qu'il est doux être belle, lorsqu'on est aimée!

Delphine Gay.

E' a hora, em que principião a desabrochar as primeiras rosas da aurora. A lua sem brilho, pallida, como a cortezá que gastou a noite em esplendido saráu, e cobrindo o rosto desfigurado com densa nuvem aproximava-se do occidente com o seu sequito d'estrellas. Só Venus firme, como o sentimento a que preside, parecia querer resistir á sua rival, ainda que já leve rubor ia substituindo a sua luz argentea e crystallina.

Fendendo as aguas do Capibaribe, vogava rapido batel, em que ião um mancebo, e uma donzella joven e de rara belleza.

— Não vês, dizia ella, com que encanto se vão dessipando

as trevas á vinda da aurora, e como a sombria e mysteriosa noite depõe o poder perante a innocente e risonha enviada do dia? -- não vês, como se vai esmaltando de ouro o nosso céu de azul sempre tão puro e asseinado? -- não vês, como as arvores destas margens vão-se revestindo de um verde mais alegre, mostrando suas comas cobertas de flores e de orvalho? -- não vês, como, rompendo as sombras, se ergue das aguas magestosa e bella a cidade do Recife, qual outra mãe de Amor nascendo das ondas voluptuosas, ou qual candida açucena desabrochando á fresca margem de um regato?

— Foi assim, minha Ursulina, que nos nossos corações nasceu este amor, que hoje nos enlaça e embellece a vida, fazendo nos com a sua pureza e innocencia desprezar a corrupção do mundo, e fruir delicias do céu, porque tu és um anjo, e o nosso amor não é da terra. São lindas as côres da aurora, são lindas as flores orvalhadas pela madrugada; porem mais lindo me parece o teu rosto de sympathica melancolia, quando rosado pelo pudor, como agora o vejo; ou quando aljofrado por lagrimas de alegria, que são flores do coração.

-- Observa ao longe a bella e melancolica Olinda tão solitaria, ella, a quem os homens vão de xando coberta de andrajos e de ruinas, e a quem a natureza procura aformosear de novo com as suas galas e verdôres -- como rola aqui o placido Capibaribe as suas aguas de esmeralda, que espelham o céu, e como oppõe ao nosso caminho ondas que o orgulho lhe faz levantar?

-- Como a cidade abandonada, atalhou elle, eu, que vivia só e aborrecido do mundo, encontrei-te a ti, que desterrando do meu coração as pungentes dores, que elle me deixara, o povoaste de prazeres com um só olhar de teus olhos mais bellos que as agoas deste rio, e que reflectem uma alma tão pura como o mesmo Céu.

-- Escuta, replicou Ursulina a quem o entusiasmo dava forças para vencer a confusão, que lhe causavam as palavras do seu amante; escuta, quão sonoro he o gorgoeio d'aquelles passarinhos, que em harmonioso concerto saúdam a chegada do dia! — quão agradável he o cicio da brisa, e o susurro das palmeiras que se embalão! — que suavidade nas exalações perfumadas dessas flores que purificação e embalsamão os ares!

— Mais expressão e doçura tem a tua voz divina, — mais graciosa he a brisa, quando brinca com os teus formosos cabellos fazendo-os ondular sobre esse collo de neve — mais suave he o perfume das tuas virtudes do que o dessas miseras, cuja duração he momentanea.

— He esta a hora, em que por toda a parte reina a ale-

gria ; he a hora sem mysterios ; he a hora, em que quem ama gosa de um espectaculo, que arrebatada e extasia, porque toda a natureza, elevando-se em fervida e harmoniosa oração ao throno d'aquelle, que a creou, só diz — amor.-- A natureza he a obra prima do Creador, e

— E tu, atalhou o mancebo, és a obra prima da natureza.

Quando ella quiz fallar, um casto beijo lhe sellou os labios :

Eis que o batél abica a praia : os dous amantes saltarão de mãos dadas e o sol surgio allumiando esta scena de tão candido e innocente amor.

Hugolino.

O AMOR.

DEOS -- O HOMEM -- A MULHER.

(N'hum album.)

O amor da mulher é o elo mystico da cadeia que prende o homem á Divindade.

Creou Deos o homem, e doou-lhe o delicioso Eden destinado para ser a sua feliz habitação. Ahi a natureza como que se esmerava em agradar ao seo soberano, ostentando risonha, e prodiga todos os seus thezouros ; tudo que podia infiltrar o prazer n'alma, tudo que podia elevar o pensamento, tudo que podia saciar a vontade do homem, concorria para fazer do Paraizo uma morada de delicias : o melodioso gorgear das aves, o delicioso aroma das flores, a risonha belleza do prado, o brando murmurar do limpido regato, — o nascer e o morrer do dia formoso — o sol erguendo-se magestoso por sobre o verde cume da collina, o sol quebrando os seus derradeiros raios sobre o cume da collina opposta, o terno e melancolico olhar da lua, que contempla a sua retirada, a marcha constante e harmonioza dos astros, o can-

tico divino das harpas dos anjos, a voz poderosa do Creador revelando-se na sublimidade, e na grandeza de suas obras, tudo em fim, que tinha de mais bello, de mais sublime, e de mais maravilhoso !

Mas o homem calou-se ! . . . e solitario não teve uma voz para completar o hymno da criação ! nem um sorriso -- nem huma voz de gratidão ! . . . No meio dos thezouros da natureza e dos prodigios da criação achou o homem o deserto ! Por que ainda não estava completo o mysterio da criação, e para reger o mundo o homem ainda não tinha um throno. Este throno foi a criação da mulher.

Com effeito um dia he mais formoso, e mais risonha a aurora, mais delicioso o aroma das flores, mais melodioso o cantico das aves, mais brando e terno o murmurar do regato, mais divinas, por assim dizer, as harpas dos anjos; a natureza parece, que vai ser mais rica, e o universo mais sublime, e mais maravilhoso.-- E o homem estava mais alegre, e possuido de um sentimento novo, que elle não podia comprehender, colheu uma flor, que lhe pareceo mais bella, e aproximou-a aos labios; e este beijo foi a origem do maior prodigio da criação ! D'elle nascêo a mulher !

E o homem amou-a como o encanto dôce da sua existencia -- como a flor da primavera de sua vida -- como o devaneio de sua alma -- como a inspiração de seo genio -- como a origem do sentimento, que o prendeo á Divindade -- como o symbolo de sua adoração

E o universo principiou á viver para elle com o amor.... e o amor foi para elle a revelação da Divindade.

E a voz da mulher foi o seo primeiro hymno

E o coração d'ella o throno de sua soberania.

J. Liberato.



REMINISCENCIAS.

(AO MEU AMIGO LEANDRO RIBEIRO DE SIQUEIRA SOBRAL)

Amelia, vou contar-te uma historia, uma historia digna de ser ouvida por ti; uma historia cujos principaes personagens serás tu e o meu coração! ouve-a pois. Deslizava-se a minha existencia no seio da felicidade: meus velhos Pais me cercavam de carinhosos e svelos; tudo para mim era prazer, porque o meu coração era innocente, e ainda não palpitava senão a vista dos bellos quadros, que a natureza me apresentava no estreito horisonte, que a minha vista podia percorrer; e eu não amava pois mais do que meus Pais, os meus companheiros d'infancia, o cantar dos passarinhos, a corrente do rio, as suas ilhas, em fim somente o que me rodeava!

Mas ah! tu destruiste n'um momento todos esses encantos! Tu me mostraste, que o susurro dos regatos, o canto dos passarinhos, o bocejar da briza entre flores, o brilhar das estrellas, nada erão em comparação com uma palavra escapada de teos labios, ou com um de teos olhares! Então pelas graças supremas de tua figura cheguei a julgar-te divina! Amei-te, e pareceo-me que a tacita adoração, que te consagrava já não bastava ao meu coração cheio de ardor! . . .

Ah! desde logo os troncos, a cuja sombra tantas vezes eu tinha contemplado o Amazonas, que soberbo a meus pés se espreguiçava, servirão de depositarios destes toscos versos, que erão o fiel transumpto da minha admiração, o do meu amor.

Quem és, ó virgem formosa!
Que estes prados aviventas,
E destes bosques augmentas
A belleza e o primor?
Serás fada? Ou és o genio
Deste sitio encantador?

Esta fonte chrySTALLINA
Para ti virgem murmura,
Tambem a briza susurra
Entre a folhagem verdosa,
Onde o terno sabiá
Canta com voz maviosa!

Se acaso na limpha pura
Retratas teu corpo airoso ,
O patrio rio em roso
O seo impeto refreia ,
E com tuas lindas formas
Parece que se recreia !

Se, na fina areia imprimes,
Teos vestigios delicados ,
Mil beijos enamorados
Ahi vou depositar ;
E mil ditas imagino
Nesse momento gosar !

Se sorriso melindroso
Vem teos labios descerrar ,
E tantos dotes mostrar
D'essa boca encantadora ,
Sinto no peito os estragos
De chama devoradora !

Ah ! não póde, meiga virgem ,
Resistir meu coração ,
A' tão rara perfeição ,
Que te deu o Creador !
E quem póde contemplar-te
Sem por ti morrer d'amor ?

Tu, Amelia , os leste, e talvez que um sorriso de compaixão rocasse os teos labios ! Ah ! d'ahi por diante me fizes-te provar alguns tragos de ventura , que eu julguei inexauriveis , mas que, inda mal, se esvaecerão como o matutino orvalho ! De certo, quem diria que me serias infiel , vendote, junto de mim todos os dias debaixo d'aquella frondosa laranjeira , em que havíamos entalhado os nossos nomes, disendo-me : « Meu bem , enquanto este rio levar as suas « agoas ao Oceano, não temas, que eu te deixe de amar !... » O' perjura ! o Amazonas, testemunha dos nossos amores, ainda hoje leva suas agoas ao Atlantico, e eu já não possuo nem sequer uma pulsação de teu coração ! Mas, apesar disto, tu ainda és para mim o pensamento de todos os instantes ; o teu nome ainda me faz sentir o doce-margor da saudade ; e a minha vida só sustenta-se com reminiscencias cheias de angustia , e de doçura !

R. S. Paes de Andrade.

SUICIDIO POR AMOR.

I.

Quando um homem, Carlos, sente-se ferido no mais íntimo de sua alma, quando tem visto desfolharem-se uma a uma todas as suas esperanças, quando para elle não tem mais risos a aurora, mais estrellas o céo, mais luz o sol, mais vida o corpo, mais sentimento a alma, quando em fim vê quebrado o unico élo, que o prendia á vida, extinto o unico pharol que o guiava na peregrinação terrena, . . . então, meu amigo, só lhe resta uma esperança — a do sepulcro, um futuro — o da eternidade!

— E' das almas grandes, Alfredo, resistir aos grandes contratempos; ás pequenas toca succumbir ao seu pezo. O antimural d'uma varonil resignação . . .

— Guarde-te Deos, Carlos, do meu estado! responde impetuosamente o mancebo. — Ha revezes na vida a que necessariamente succumbem as maiores almas; e quando o homem chega a um estado de desespero tal, que tudo na vida o importuna, mesmo o mais dedicado amigo, como comigo agora me acontece, só lhe resta um abrigo . . . o suicidio! E para que os nescios e cobardes podessem n'este acto d'extrema desesperação imprimir o ferrete da criminalidade, mister fôra que obtivessem primeiro de Deus para os homens uma outra alma; uma alma divina (*) . . .

E o infeliz repetiu estas palavras n'um accesso tal de desvario, que — ao acabar — seus olhos chammejavam, e copioso suor manava em bagas de sua escaldada fronte.

— Toma tento, Alfredo, e não vás precipitar-te na voragem, que está aberta diante de ti -- disse Carlos com receiosa moderação -- O suicidio he o crime que mais affronta a Divindade. A cruz da vida deve ser com resignação levada pela vereda do mundo até o Calvario do sepulcro. Só o fraco recua ante a enormidade dos contratempos mundanos; o homem forte affronta, qual alcantilada rocha, o escabroso das veredas terrenas, e só entrega a vida -- thesouro que lhe foi confiado -- aquelle que lh'o confiou . . . E de-

(*) Sabemos que a nossa alma he um sopro divino; mas como, dada ao homem com a liberdade, tornou se susceptivel de peccado, cremos não ter crime de lesa psychologia, dizendo, em contraposição á alma humana e para significar uma alma impeccavel--alma divina.

mais, Alfredo, onde achaste que o amor perdido d'uma mulher deve importar a perda da vida d'um homem ?

— Cala-te, estolidão, que não sabes o que he o amor . . . Não sabes, que he um sentimento que enche todo o ser d'um homem, e fa-lo viver a vida que lhe influe, assim como fa-lo morrer a morte que lhe apraz . . .

— Deus nunca permitta, Alfredo, qu'eu sinta a impetuosidade d'huma tal paixão . . . mas affianço-te, que tenbo bastante força d'alma para não postergar o amor de um Deos pelo amor d'uma mulher . . .

E Carlos parou, porque Alfredo o não attendia mais . . . Recostado á pôpa do batel com que sulcavão o Beberibe, solta a vèla, elle era abysmado na profundez de sua dôr . . .

E o batel ab cou a praia, e os dous moços em silencio internaram-se nas tortuosas ruas da empinada Olinda.

11.

E' doce á alma nas grandes crises internar-se nas vastidões do meditar . . . A meditação tem encantos, e he immensa quasi como o infinito ; mas se á vez eleva o homem até Deos, á vez tambem o precipita nos abysmos do mundo dos réprobos !

Assombrava a lua dos balcões do oriente, e a heroica Marim, hoje deserta e abandonada, qual princeza desthronada, porem grande em seus revezes — ostentava-se placida e orgulhosa, sobranceira a sua bella rival, nos braços da voluptuosidade e do silencio do cahir da noite . . . O astro das saudades argenteava os cumes de suas collinas, e o mar com seu susurro immenso, que semelha a voz do omnipotente, vinha na branca areia depôr as suas furias, e attestar o poder do Eterno !

Tudo era silencio e poesia, e tudo parecia convidar á meditação, que tudo parecia resentir-se da sublimidade da doce hora do crepusculo . . .

E no cume d'uma collina, o hos fitos na immensidão dos mares, soltas as azas ao pensamento, meditava um mancebo, . . . e o seu meditar era terrivel porque seu olhar era torvo, e o seu semblante sombrio. Era Alfredo.

As violentas paixões, que tumultuavão em seu peito fiserão explosão :

— Maldição sobre ti, que me trahiste ! . . Maldição sobre mim, que te ame ! . .

E depois d'uma breve pausa :

— A providencia he um sonho com que nos emballão no berço ; um invento fallaz para refrear os imbéceis !

— Não blasphemes, Alfredo -- disse Carlos, o amigo

dedicado, o bom anjo, que zelava esta alma prestes a perder-se -- não blasphemes !

— E com que direito me importunas tu, e me segues a toda parte ? -- disse impetuosamente Alfredo.

— Aquelle oceano encapellado, com seu susurro magestoso e immenso, não te diz -- Deus ? -- Aquelle astro de prata, engastado na abobada do firmamento, que se arquea sobre a terra matizada daquellas ilhas de luz não diz tudo -- Deus ? -- A natureza que te cerca, o espaço que abrange a tua vista, a collina em que estamos, a relva em que pousas, e tu proprio, que blasphemias, não diz tudo -- Deus ? -- O ar que respiras, o chão que pisas, o irracional, o homem, a mulher . . .

— Que fallas ahi em mulher, imbecil ? Sabes o que he uma mulher ? Se não fôra esse ente infernal, vêr-me-hias olhando para o sepulcro com mais avidez, que a extrema-cida mãe para o berço de seu primogenito recém-nascido ? ... Ignoras acaso as desgraças, que ao mundo tem vindo pelas mulheres ?

— E tu, interrompe Carlos, ignoras acaso que o maior presente celeste veio ao mundo por uma mulher, que se ella não fôra. . .

— Longe com tuas fôfas declamações, vai prégar aos estólidos -- disse impetuosamente o possessor.

E depois com calma terrivel :

— Aconselho-te que nem mais uma vez te arrisques a ter mão no carro desbridado de minhas paixões . . . Deixa-me ao meu destino !

III.

Tempos depois, um dia houve em que de balde se procurou Alfredo . . . Era justamente o dia do primeiro parto da quella que o tinha trahido, havia quasi um anno ligada com o idolo do seu perjurio.

A providencia véla sempre. O filho nasceu, mas a mãe expiou seu crime--enloqueceo ! . . .

E quando todos em oscillação davão a Alfredo o fim que lhes suggeria a mente, ella, cujo perjurio era sua ideia fixa, dizia :

— O mar tem mais um segredo.

A.



ROMANCE.

AMELIA.

I.

O bem com o mal se paga.
Rifão.

O dia 29 de Janeiro de 1849 surgiu brilhante e cheio de vida ; e a não ser a revolução, que lavrava pelo interior da bella Província de Pernambuco, e as noticias cada vez mais assustadoras que a cada momento chegavão, de que as forças do Governo cada vez se vião mais acossadas, e batidas pelos *liberaes*, e que grande desacoroçoamento se manifestava entre os soldados *governistas*, que cada dia vião seus irmãos d'armas juncando o chão com seus corpos ; por certo se diria um dos mais risinhos e festivos.

N'essa epocha pois, de tanta inquietação, medo, esperança, e afflicções, Augusto de Sá subia as escadas de Manoel de Mendonça para pedir a mão de sua filha Amelia.

E teve em resposta -- não.--

E porque ? Haveria entre Augusto e Mendonça desigualdade de fortuna e nascimento ? .. Não.

O primeiro pertencia ao partido *liberal*, e o segundo era *governista*. Motivo sufficiente para quebra d'amisade, e calcar considerações sociaes n'essa epocha, em que mais que nunca estavam os animos politicos exaltados.

Mendonça era um homem de forte vontade, de inabalavel determinação, e cego sectario das opiniões dos *squaremas* ; e um *praeiro*, á seo vêr, era um miseravel, um ladrão, um homem em fim manchado de todos os crimes.

Augusto dotado de fina educação, presença de espirito, e grande generosidade recebeu em silencio, e resignado a immerecida e aspera recusa ao seu pedido ; e, bem longe de odiar o homem, que assim havia esmagado as suas esperanças, fazia votos por sua felicidade.

Ao sahir da casa de Mendonça dirigio-se para o chafariz da Graça, sito na extremidade que confina com o mar, da praça do Collegio, antigo Convento do Jesuitico; e ahi, sentado em um dos bancos de madeira, se conservou tristonho e meditativo.

Um homem maltrapilho chegou-se a elle, e fallou-lhe ao ouvido.

— E' possivel! exclamou Augusto com prazer.

— Com certeza.

E separarão-se.

Na tarde d'esse mesmo dia, na sala da casa de Mendonça, se achavão duas donzellas: Amelia, e sua prima Anna.

Amelia, triste e pensativa, estava junto de uma mesa redonda collocada em o meio da sala, e Anna preludiava ao piano.

— Estás tão triste, Amelia! que tens?

— Nada.

— Anda, vem cá. Vamos tocar a aria do Barbeiro de Sevilha. Tu cantas....

— Não posso.

— Então toca, que eu cantarei.

— Despena-me....

— Quero distrahir-te.... Vejo-te tão merencoria....

— Conversemos antes....

— E em que queres que conversemos?

— Não sei....

— Sei eu....

— Como?....

— Queres que te falle de Augusto -- disse Anna sorrindo-se.

Amelia lançou-se nos braços de sua prima chorando, pois esta durante o curto dialogo que temos descripto, se havia aproximado da cadeira, onde era sentada Amelia.

— Infeliz! murmurou Anna.

Ouvirão passos na camara proxima, e separarão-se.

Mendonça entrou. Trasia uma carta amarrotada na mão, vinha carregado e pensativo.

— Não será isto um trama urdido para perderem-me?.... Não: eu não devo acreditar; os *rebeldes* cada vez adquirem novas forças -- suas columnas engrossão; e pode bem acontecer, que esses salteadores a tanto se atrevão. Porem, se isto assim fosse, outro, que não Augusto me avisaria; que elle tambem pertence a esse partido de assassinos. Sim, sim.... he tudo isto um laço, que me quer elle armar.... porem eu saberei evita-lo.

Durante este monologo de Mendonça, proferido em voz baixa, Amelia e sua prima se conservarão mudas e quèdas.

Mendonça conheceu os seus receios ; rompeu a carta, e, tornando-se risonho, lhes disse :

— Então , que fazem vocês duas ? Não tocão . . . não cantão hoje ?

— Levantamo-nos agora mesmo do piano, meu tio.

— Porem eu estava no meu quarto, e nada ouvi . . . pouco importa : repitão o que tocavão. Quero ouvir um bonito duetto.

Anna se dirigio para o piano, e puxou de leve pelo braço de sua prima. Mas esta se quedou no mesmo lugar.

-- Então , Amelia , he mister que eu mande ?

-- Mas eu . . .

A porta da sala abriu-se , e Augusto assomou no limiar. Amelia deixou escapar um abafado gemido.

Mendonça descorou de raiva e surpresa.

-- Desculpai-me , Snr. -- disse Augusto -- se venho molestar-vos com a minha presença, que bem conheço quanto vos he ella odiosa ; porem trata-se da vossa segurança, e eu não hesitei um só momento . . .

— Já sei de que pretendeis tratar. Acabo agora mesmo de ler a vossa indiscreta e louca carta : não dou o menor credito ás vossas palavras , portanto, Snr., dispensai-me de escutar-vos.

-- Juro-vos que . . .

-- Basta. E mesmo quando fosse, como dizeis, o governo tem força e energia sufficientes para repellir uma horda de assassinos. Peço-vos que vos retireis de minha casa.

Augusto pallidejou de cólera : ia responder, quando um olhar supplicante de Amelia o suspendeu.

-- Regeitaes o meu zvizo ?

Mendonça virou-lhe as costas.

Augusto sahio.

II.

Mas em fim eu te achei , meu consolo
Eu te achei, oh milagre d'amor.

A. Herculanq.

Raiou o dia 2 de Fevereiro de 1849.

De lucto e dor que foi para a Provincia de Pernambuco !
As ruas da cidade do Recife forão innundadas de sangue -- E
aos tiros das granadeiras se juntavão os gritos dos combatentes, o suspirar dos feridos, e o agonizar dos moribundos !

Até as 10 horas dia do o bairro de Santo Antonio pertencia todo ás forças *liberaes*. Estas haviam invadido a rua larga do Rosario, e ali se preparavam para renhido combate.

Só então desvantagens havia colhido o governo.

O partido *liberal* triumphava.

Em quanto scenas de sangue se passavam nas ruas do Recife, uma não menos sensibilisadora se passava em casa de Mendonça.

Este desdenhando os avisos d'alguns amigos, e de Augusto não se prevenio.

As 11 horas do dia a sua casa, sita na rua de ***, foi invadida pelos *liberaes*.

Mendonça armado d'um clavinote tentou resistir, porem só, foi brevemente desarmado pelos seus inimigos nutou, foi arrojado por terra, e muitos punhaes se levantarão contra seu peito.

Amelia como douda corria por toda a casa bradando por soccorro ; e alguns guerrilheiros *liberacs*, homens do mato , rudes, e feroses, encontrando-a indefesa, se apoderarão d'ella, e procuravam satisfazer seus desejos brutaes n'essa pura, e innocente donzella.

De is crimes ião ser perpetrados, se um mancebo coberto de pó e sangue , e armado de duas pistollas nao chegasse a tempo para impedil-os, bradando com voz de trovão :

-- Suspendei-vos ! !

E os invasores ficarão estupefactos com esta apparição.

Augusto, dirigio-se a Mendonça, livrou-o do poder de seus inimigos, e entregou-lhe uma pistolla.

-- Fugi, lhe disse elle.

Mendonça salt u por uma janella, e desapareceu.

-- Amelia ! bradou Augusto procurando-a com os olhos.

-- Salvai-me ! gritou a pobre moça.

Augusto arrojou-se ao meio do grupo que a cercava, e arrancou-a das mãos de seus profanadores.

Muitas pontas ias se dirigirão contra seu peito, e outras tantas ballas lhe irião traspassar o coração, se uma voz não bradasse :

-- E' o Senhor Augusto de Sá !

Augusto tomou Amelia em seus braços, e carregado com tão doce fardo, passou por entre as alas que formarão os *liberaes*, para lhe deixarem livre sahida.

As tropas do governo, até então sempre batidas, começavam a ganhar terreno aos *liberaes*, que já haviam sido desalojados dos muitos pontos que occupavam com vantagem.

E ao aproximar-se a noite os *liberaes* abandonavam a cidade do Recife, deixando suas ruas juncadas de cadáveres, e ensopadas de sangue.

III.

Rosa d'amor, rosa purpurea e bella,
Quem entre os goivos te esfalhou da camp!?

(Garrett.)

Risonha e adornada de mil bellezas surgia a aurora do dia 12 de Fevereiro do mesmo anno. A natureza se enfeitava de galas para saudar a aurora, que, n'esse dia despontando livre do veo de lucto, com que até então era coberta, alastrava com brilhante luz os sitios da estrada de Bethlem.

Em hum d'elles, o mais mesquinho, em nma sala ao rez do chão, despida de ornatos, e simplesmente mobiliada com algumas cadeiras de pinho oleado e duas mesas; sentados junto a uma estavão conversando uma virgem e um mancebo.

Amelia e Augusto erão elles. Esta era melancolica e um riso frio lhe errava nos labios -- estava descorada e pensativa.

Augusto não o era menos.

-- Tudo está disposto, Amelia; e he mister que dispas esse presentimento que te assalta. Teu pai até hoje se ha opposto ao nosso casamento . . . mas pouco importa. Hoje não poderás sem córar apresentar-te outra vez em sua casa. O nosso casamento agora he uma necessidade.

-- Eu bem o sei -- e não penses que o indifferentismo he que me ha feito retardar o nosso casamento: não; ainda te amo, e cada vez mais, porem o meu coração não sei o que de funebre me prognostica.

-- Minha vida, he mister vencermos estas loucas preocupações. Nós seremos felizes; o Ceo decreta este nossocasamento; Deos o ordena. O que pois de mal nos pode acontecer?

-- Nada, eu bem o sei. Augusto, quero confessar-te uma fraqueza minha.

-- Falla.

-- Esta noite terrivel sonho me perturbou o repouso. Eramos em um cemiterio -- andavamos sobre caveiras, e o meu vestido nupcial de neve se havia transformado em negro crepe; por fim procurei-te a meu lado -- tu havias desaparecido. Encontrei-me só no centro d'esse campo tão funebre -- tão pavoroso . . . bradava por soccorro; mas só os echos me respondião: depois . . . um espectro de mim se apoderou apertou a minha mão nas suas descarnadas e frias -- conduzio-me para um tumulo e eu desmaiei

-- As fadigas, as perturbações, que por estes dias te hão sempre acompanhado, motivarão esse sonho. O nosso cerebro debilitado cria phantasmas pavorosos; e a fraqueza do corpo n'elles crê, como reaes. Não te amofinem pois tão poucas cousas -- não te entregues a pensamentos tristes. Vai-te preparar, que as testemunhas não devem tardar.

Amelia mais animada se dirigio para uma camara acompanhada de uma escrava.

Augusto ficou só e meditativo. A fraqueza se apoderou de seu espirito, e o sonho de Amelia fel-o tremer.

Entrarão dois amigos de Augusto e duas Senhoras: eão as testemunhas.

Amelia appareceu prompta. Um vestido de fina e transparente cambraia branca com cinto de fita côr de rosa desmida, e uma grinalda de flores naturaes de lorangeira, era o seu adorno de noiva.

Um sacerdote já os esperava na Ermida de Bethlem, paramentado com suas vestes sacerdotaes proprias para tal fim.

A solidão, mudez e pequenez da Ermida, a simplicidade do trajar dos noivos, o limitadissimo numero de convidados; tudo concorria para tornar esse acto, aliás tão festivo e solemne, simples e merencorio.

E o sol quando chegava ao seu zenith presenciou a benção dos noivos.

Amelia já era esposa de Augusto.

Mendonça tendo escapado a morte no dia 2 de Fevereiro, refugiando-se na casa d'um amigo de poderosa influencia, ahi foi de tudo informado. Para logo procurou saber o lugar onde estava Augusto, e ao cabo de oito dias o soube, porque esse não fizera d'isso mysterio.

No momento pois em que Augusto conduzia Amelia para casa acompanhado das testemunhas, Mendonça cavalgava em procura d'estes pela estrada de Bethlem.

Augusto convidou os seus amigos para jantarem com elle; e, reunidos na sala, de que já fallamos, conversavão alegremente.

Amelia havendo-se retirado com as duas senhoras, havia já algum tempo, para mudar de vestido, voltou em fim.

-- Espero, querida Amelia, disse-lhe Augusto risonho depois de lhe haver beijado a mão, que já agora não temas o espectro que esta noite me roubou á teus braços no momento do nosso consorcio.

Amelia ia responder, quando Mendonça armado d'uma pistolla assomou na porta, tremendo de raiva.

-- Prostituta! bradou elle.

Ouvio se um tiro, e Amelia cahio banhada em seu proprio sangue.

-- Mataste-a! . . . disse Augusto correndo á esta.

E com effeito Amelia expirava pronunciando apenas estas palavras :

-- Augusto o sonho meu pai . . . per-
dão ! . . .

No dia seguinte celebravão-se humas exequias na Ermi-
da de Bethlem.

Dois homens ahi erão chorando.

Mendonça, e Augusto !

Este abandonou Pernambuco para sempre, e nunca mais
se ouviu novas d'elle.

Mendonça depois de alguns tempos de continuo remor-
so, se foi reunir com sua filha na eternidade, se he que as
portas d'esta para elle se abrirão.

J. C. Lobato.

A MOR E BRINDES.

Je te donne á cette heure,
Penché sur toi,
La chose la meilleure
Que j'aie en moi

Hugo.

E' divino teu semblante ;
Imperas nos corações ;
E's um astro coruscante
Fecundo de inspirações.
E's belleza peregrina,
E's creatura divina,
Maga estrella de primor.
E's o ente mais formoso,
O archanjo mais mimoso
Dos archanjos do Senhor !

De rubins, e de esmeralda
Tenho inexhausta porção,
Para enfeitar-te a grinalda
Tudo tens á discrição.
Tenho perolas brilhantes,
Tenho finos diamantes
Para a teos pés arrojár!
Toda essa offerta subida,
Podes lançal-a, ó querida,
Por brinco ás ondas do mar!

Quero que dessas riquezas,
De todas possas dispôr,
Que quem tem tantas bellezas
Tudo merece de amor!
Tu tens uns lindos cabellos,
Que só miral-os, só vel-os
Succumbir faz de paixão!
Tens uns olhos matadores,
Uns risos que são as flores
Do teu terno coração!

Tens na zona, em que respiras
Torrentes de seducção;
Na terna corda das lyras
Doces cantos de ovação:
No meo peito uma ara erguida,
Onde toda estremecida
Minha alma sôe te adorar!
Não teve Laura tão adorada,
Nem Leonor idolatrada,
Quem mais lhe soubesse amar!

Eu te olhei, e a ti somente
Em toda a parte encontrei.
Imagem do sol lusente,
Cego de olhar-te fiquei!
Cego sim, porque es tão bella,
Como a mais gentil estrella,
Como na terra n'nguem!
Cego sim, porque onde imperas,
Todo amor tu é que geras,
Toda luz teu rosto tem!

Ha muito a forma eu buscava
Que via no meo scismar;
A forma que eu affagava
Com toda a força do amar!
Era um bello pensamento
Formado nesse momento

Em que anil é todo o céu !
Era um bella, que eu via
Como estrella que luzia
No firmamento sem veio !

Achei-te, achei essa estrella
Toda banhada em fulgor.
Permitte que eu farte, ó bella
A sede de meo amor.

Quero amar os teos cabellos,
Quero amar teos olhos bellos
Com delirio, com paixão.
Quero amar-te a juventude,
Quero amar toda a virtude,
Que houver no teu coração !

Sei que mereces um throno
Que não posso dar-te eu ;
Mas de um peito que sou dono,
Faço um thesouro só teu.
Dou-te minha alma repleta
De santo amor de poeta,
Meo condão de trovador,
Dou-te mais outras riquezas,
Que nunca houverão duquezas,
Do mais brilhante esplendor !

Dou-te toda a minha gloria,
E um nome quasi real ;
Minhas canções de victoria,
Minha pompa triumphal !
Dou-te mais, ó divindade,
Dou-te livre esta vontade,
Que nunca a dei a ninguém !
Dou-te ao jugo o collo altivo,
Arrogante, imperativo,
A's damas que o mundo tem.

Quero que dessas riquezas.
De todas possas dispor ;
Que quem tem tantas bellezas
Merece tudo de amor ! •
Quero até que em teos folgaes
Tudo que fantasiastes
M'o venhas logo dizer ;
Que hei de contente mostrar-te,
Que hei de ancioso provar-te
Como te sei merecer !

F. d'Araujo Barros.

A MINHA LYRA,

Não sou Poeta de genio,
Nem sou das Musas irmão,
Tenho só por distincção
—Dos sentimentos a lyra—
Que apenas toco-a, delira
Dizendo — amor e paixão

Ella varia nos sons :
Tem uma corda sublime,
Que só de amores s'exprime ! . .
—Quando quer dizer — paixão . . .
E' com tão viva expressão,
Que logo—amor—n'alma imprime ! . . .

Tem outra corda, que sôa
Um som mui terno, e saudoso :
Tira-me rapido o goso
Do meu sonhar — tão feliz
—E só saudades me diz
De um Anjo — bello — amoroso ! . . .

Tem outra corda, que geme
—Como quem soffre, e suspira ! . .
Mas só--pezares--inspira ! . .
Por que lhe tangem desejos,
Que são de penas -- ensejos
Quando um bom tempo se aspira.

Mais uma corda dourada
Possue a lyra tambem.
O som das magoas não tem ;
Por que nos risos descansa
-- Ella só diz -- esperança . . .
-- De ter um dia -- o meu Bem ! . . .

A' minha lyra é alegre
E' terna--triste--e saudosa :
Tem cordas, que dão suspiros . . .
Que fallão phraze amorosa !..
--Minha lyra é o proprio amor
-- Que faz da vida -- uma flor ! . . .

Nabor,



EXTREMO DE AMOR.

Infeliz he quem ehora : ella finou-se
Porque os Anjos á terra não pertencem !

Gonçalves Dias.

I.

Sentada sobre uma rocha
Pelas vagas acoutada,
Scismando Zolina estava
Dizendo ser desgraçada ;

--Josino ! -- pronunciava,
Echo triste respondia,
--Onde estará meu amante ? --
Assim aflicta dizia !

Vê ao longe um'aza branca
No horisonte avultar ,
E seu peito suffocado
Sente forte respirar.

E' elle, é elle -- Josino ! --
E quasi a razão perdida,
A's ondas logo atirou-se,
Por--amor--arrisca a vida !

O mar que bravio estava
De repente se acalmou,
O Equilão que soprava,
De soprar então deixou !

II.

Já perto se achava o lenho
Já Zolina o abraçava,
Por seu Josino, o seu Anjo,
Ella a todos perguntava ;

Da bôcca d'um velho nauta
Triste nova recebeu :
« Josino, por quem perguntas,
Já ha muito que morreu ! »

Um grande grito soou ,
E quem o ouviu, tremeu,
E o Ceo vestido de anil
A côr tão linda perdeu.

De lucto logo trajou-se,
Negras nuvens o pejáram,
Azinha as ondas cresceram,
E os trovões rebombaram !

III.

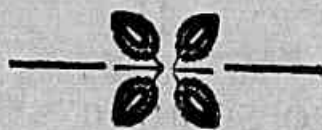
No outro dia na praia
Um cadaver s'encontrou,
Junto aquella rocha mesma
Da qual ella se atirou.

E o corpo
De Zolina ,
Assim cumpriu
A sua sina.

Ella repousa
Na eternidade,
Foi sua morte
--Fidelidade!--

A vida lhe deu amor ,
Amor lh'a vida roubou,
Sua patria esta não era ,
A' sua patria vôou !

Joaquim F. Duarte Junior.



BELLEZA E VIRTUDE.

No altar de vosas graças eu, Senhora,
Humilde sacrificio,
E toscos feudos d'uma rude lyra
A vós só dedico.

Duas grinaldas enramam
Vossa fronte divinal,
Virtudes — dotes do céu,
E belleza angelical.

Quando um dia a aza do tempo
Uma d'ellas vos murchar,
Tereis a outra, com vosco
Ha-d'ella á campa baixar.

E vós sereis sempre um anjo.
E eu hei-de sempre adorar-vos,
Que, quando fôr-se a belleza,
Ha-de a virtude ficar-vos.

A. G.

A FLOR.

(Millevoy.)

Pobre flor! ainda ha pouco
Eras a honra do val,
E são agora teus restos
Ludibrio do vendaval!

O mesmo golpe nos ceifa,
Cedemos ao mesmo Deus;
Uma folha te abandona,
Um prazer me diz adeos.

De dia em dia nos vôa
Um goso ou doce paixão,
E cada instante que passa
Arrebata uma illusão.

No meu triste desengano
Eu pergunto em minha dor,
Qual das duas he mais breve
A minha vida ou a flor ?

* *

HEI DE AMAR-TE ATÉ MORRER.

Os mares atravessando
Vou longe de ti viver,
Mas he firme o juramento,
« Hei de amar-te até morrer.

Se perigos me assaltarem,
Não me verão a tremer,
Hão de ouvir-me repetindo
« Hei de amar-te até morrer.

Raios, mar, e furacões
Não me farão esquecer
O juramento sagrado
« Hei de amar-te até morrer.

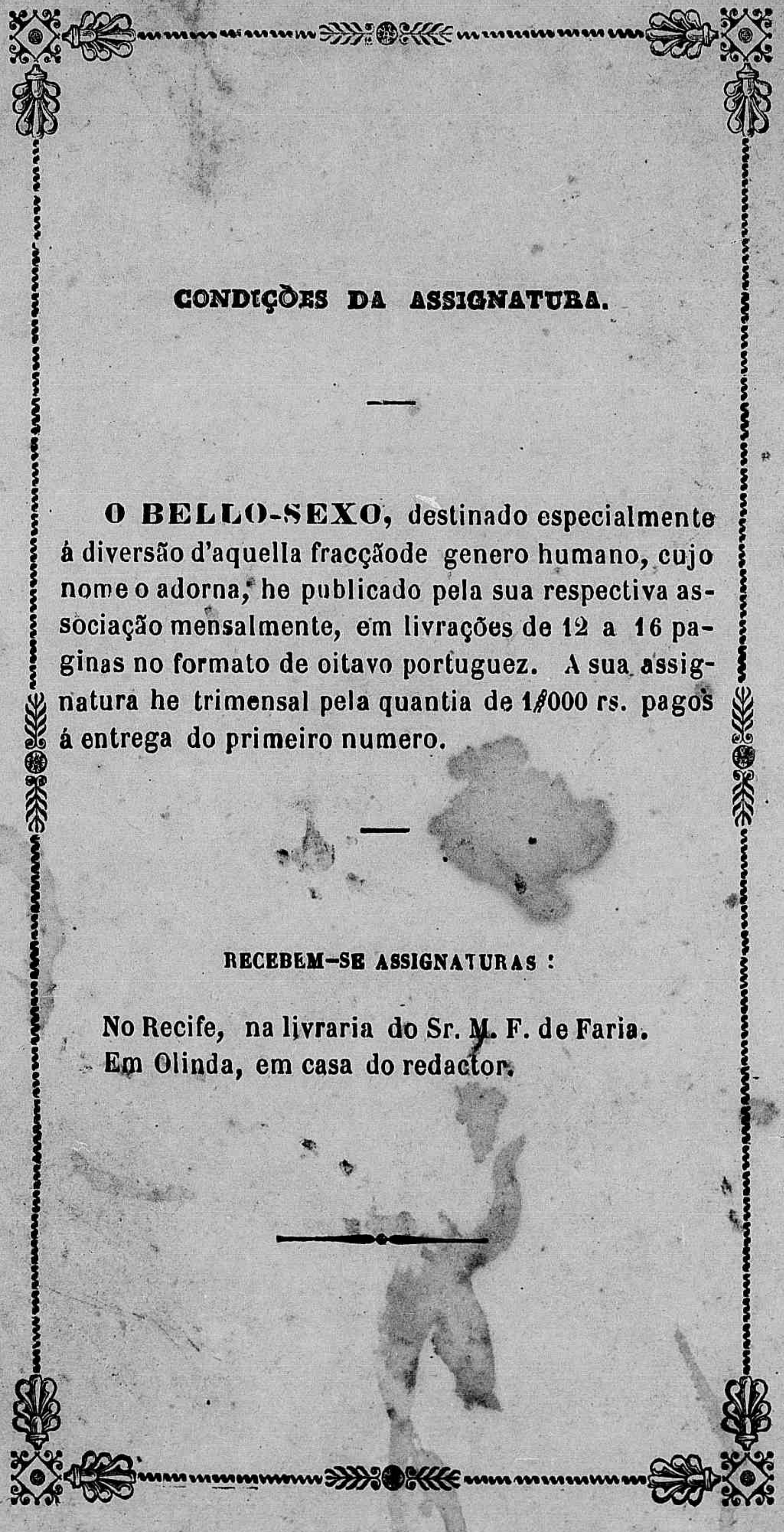
Dias, mezes, annos, legoas,
Distante, auzente a viver,
Não farão com que eu varie,
« Hei de amar-te até morrer.

De dia, á noite, acordado,
Sonhando . . . em quanto eu viver,
Hão de ouvir-me repetindo ;
« Hei de amar-te até morrer.

Aos pés do throno de Deos
Nos hão d'Anjos receber,
Porque és Anjo, porque eu juro,
« Hei de amar-te até morrer.»

P. G. Junior.





CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA.

O BELLO-SEXO, destinado especialmente à diversão d'aquella fracção de genero humano, cujo nome o adorna, he publicado pela sua respectiva associação mensalmente, em livrações de 12 a 16 paginas no formato de oitavo portuguez. A sua assignatura he trimensal pela quantia de 1\$000 rs. pagos á entrega do primeiro numero.

RECEBEM-SE ASSIGNATURAS :

No Recife, na livraria do Sr. M. F. de Faria.
Em Olinda, em casa do redactor.
